

# Gaúcho: produtor por tradição

O agronegócio continua sendo a mola propulsora do desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, respondendo por 45% do PIB

Adair Sobczak

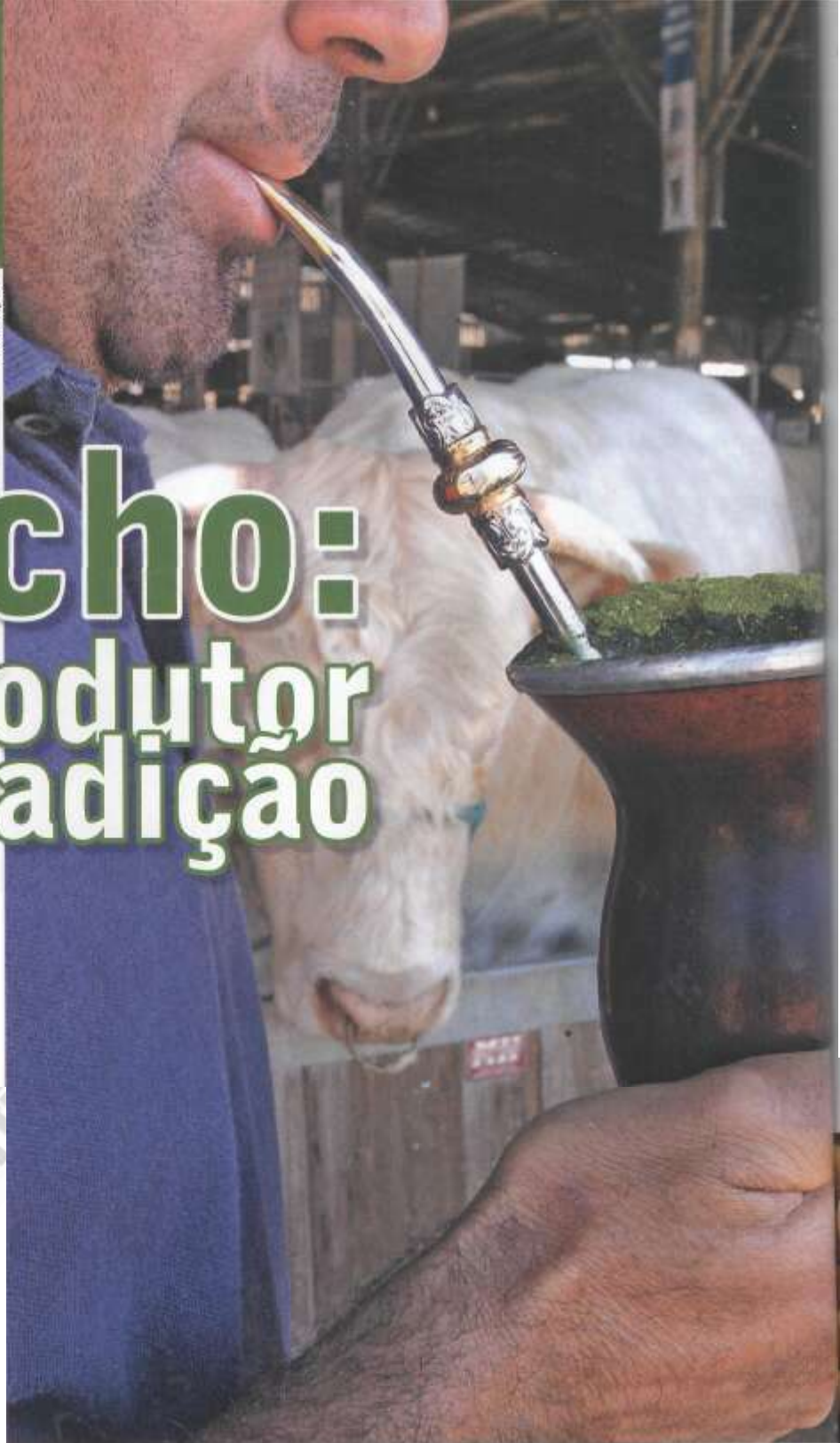
**A** tradição gaúcha não se resume apenas na lendária figura de um homem de bombachas e botas, lenço no pescoço e chapéu abas largas montado em seu cavalo de

lança na mão, guerreando em defesa do Pampa e na proteção de suas charqueadas, que deram o impulso inicial ao desenvolvimento econômico do Estado. Segundo a história, sua vocação sempre foi a atividade agropecuária, que iniciou antes mesmo da chegada

dos Jesuítas e se mantém presente, pois até expansão da agricultura nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil - em grande parte promovida por gaúchos - o Rio Grande do Sul era chamado de "Celeiro do Brasil".

De acordo com a Federação da

Como o chimarrão, a agropecuária corre no sangue do gaúcho: é pura tradição



Agricultura do Rio Grande do Sul, Farsul, o agronegócio continua sendo a mola propulsora do desenvolvimento econômico do Estado, respondendo por 45% do PIB e proporcionando uma dinâmica econômica única, uma vez que as safras e entressafras podem ser observadas em segmentos econômicos que, aparentemente, são independentes do agronegócio, como o comércio varejista do vestuário, por exemplo. "Se observarmos os índices do consumo varejista, notaremos um melhor desempenho nas vendas de bens de consumo em épocas de colheita, especialmente nas cidades do interior do Estado", explica Antônio da Luz, assessor econômico da Farsul.

Segundo ele, a agropecuária movimentada toda a cadeia econômica envolvendo o antes, dentro e fora da porteira, como o setor de insumos, máquinas agrícolas, serviços técnicos, fretes, autopeças, combustíveis, entre outros. "Após a colheita, ele se torna uma importante engrenagem que faz girar grande parte das rodas de consumo, pois o produto agrícola só esta-



"A agropecuária movimentada toda a cadeia econômica envolvendo o antes, dentro e fora da porteira", diz Antônio da Luz

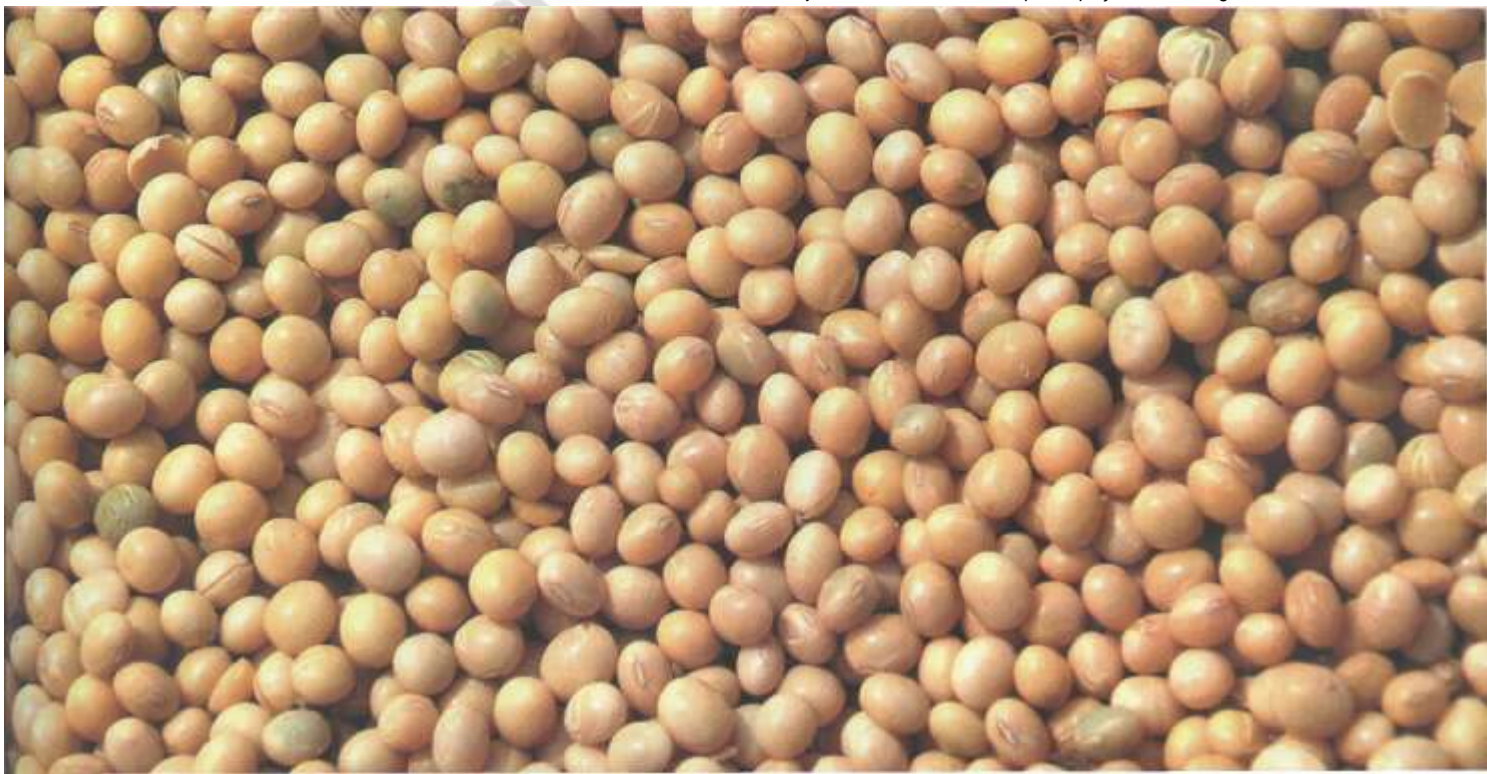
rá pronto após passar por processos industriais e de serviços, gerando milhões de empregos que são, em última instância, consumidores. Portanto, produtores e trabalhadores rurais, somados aos empresários e funcionários da indústria, comércio e serviços que estão dentro da cadeia agroindustrial, são responsáveis por bem mais de 45% do PIB dos municípios do interior do Estado, chegando a 75% em

alguns casos", analisa.

**Números** - de acordo com a Farsul, as principais atividades econômicas do Estado em 2008 foram a soja, com R\$ 5,68 bilhões, o frango R\$ 4,99 bilhões, o arroz R\$ 4,55 bilhões, o fumo R\$ 2,29 bilhões, o milho R\$ 2,10 bilhões, suínos R\$ 1,81 bilhão e a pecuária bovina com R\$ 1,69 bilhão. No mesmo período, o Estado exportou o equivalente a US\$ 18,4 bilhões, o que representa 9,33% das exportações brasileiras. O agronegócio participou com 48% das vendas externas, com destaque para o complexo soja, com quase US\$ 3 bilhões, seguido das carnes, com US\$ 2,5 bilhões e do fumo, com US\$ 1,9 bilhão. "Da produção brasileira de 150 milhões de toneladas, 23 milhões são produzidas no Estado", afirma da Luz.

Um dos destaques do setor agropecuário gaúcho é a pequena propriedade. De acordo com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, Fetag, a agricultura familiar é responsável por 80%

A soja é a cultura com maior participação no PIB agrícola do Estado







Segundo Elton Weber; 81% das propriedades gaúchas se enquadram na agricultura familiar

da alimentação diária da população. "Uma pesquisa realizada em 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, apontou que 50% do PIB gaúcho é oriundo do agronegócio, sendo que 26% advém de propriedades com até 100 hectares. Somos o Estado brasileiro cuja a agricultura familiar tem maior participação na economia estadual", enfatiza Elton Weber, presidente da Fetag. Segundo ele, 81% das propriedades gaúchas se enquadram na agricultura familiar, representando 33% da área. "A pequena propriedade possui também, papel fundamental na preservação ambiental, pois grande parte das propriedades está em regiões acidentadas com bastante área verde", explica o presidente da Fetag.

**A força dos pequenos** - Weber aponta que a cada 7,4 hectares, a agricultura familiar gera um emprego com a ocupação da família, o que comprova a importância do acesso à terra para o jovem do campo. "O custo para manter uma família no campo é de sete a oito vezes menor que mantê-la na cidade", afirma. Segundo a Fetag, a agricultura familiar do Rio Grande do Sul responde por 50% da soja produzida, 89% da mandioca,

67% do feijão, 85% de leite, 49% do milho, 70% das aves e ovos, 60% dos suínos e 72% da olericultura.

Em um Estado com grandes núcleos de pequenos produtores, principalmente na metade Norte, o aumento na renda tem sido possível graças aos processos de agregação de valor à produção primária através do cooperativismo. Entre grandes e pequenas são 262 cooperativas filiadas à Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul e Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, Ocergs/Siscoop/RS.

De acordo com o assessor de for-



mação em cooperativismo do sistema, Paulo Vianna Lopes, hoje, 10% do PIB gaúcho é oriundo do agronegócio cooperativado. "O grande objetivo é a agregação de valor à produção primária que chega a no mínimo 68%, em comparação ao valor do produto bruto", explica Lopes.

A maior demanda por novas cooperativas vem das comunidades de pequenos agricultores, principalmente voltados à produção leiteira, onde há agregação substancial à produção. "Desta forma, muda-se o perfil de renda no Estado, agregando trabalho e dinheiro para as famílias", comenta Lopes. Segundo ele, outro projeto que tem aumentado a demanda por novas cooperativas, é o de microdestilarias, voltadas à produção de álcool através da cana-de-açúcar que, também produzirá açúcar, malado e rapadura, além da utilização da folha na alimentação animal. "Temos que estar ao lado do produtor, pois o nosso trabalho é viabilizar o aumento na sua rentabilidade", ressalta Lopes.

**Produção de arroz** - um dos grandes destaques no cenário nacional é a produção gaúcha de arroz, onde são colhidas 8 milhões de toneladas, 62% do consumo nacional anual de 13 milhões. As arrozeiras somam 1,1 milhão de hectares distribuídos entre 18,5 mil produtores e parceiros com lavouras que variam entre 0,5 e mais de mil hectares em cultivo irrigado, sendo 60% das áreas pertencentes a arrendatários. "A atividade gera 37 mil empregos diretos e 250 mil indiretos e conta com 288 indústrias de beneficiamento", explica Mauricio Miguel Fischer, presidente do Instituto

"A atividade gera 37 mil empregos diretos e 250 mil indiretos e conta com 288 indústrias de beneficiamento", explica Mauricio Miguel Fischer

Riograndense do Arroz, Irga, acrescentando que 136 municípios da metade Sul dependem da atividade. "O cultivo irrigado já é adotado a mais de 120 anos e somos o único setor do agronegócio gaúcho com licença ambiental, sempre respeitando o manejo da fauna e da flora, principalmente o uso da água", revela Fischer.

Segundo ele, o Estado possui solo, clima e um produtor com vocação e tecnologia o que reflete uma produtividade de 7,2 mil quilos por hectare. Tudo com o apoio da Irga, Instituto com 70 anos, mantido pelos produtores. "A cada saca do arroz que o rizicultor vende, são descontados R\$ 0,36 centavos para o Irga que utiliza os recursos em pesquisas voltadas ao setor produtivo e na assistência técnica", ressalta Fischer, acrescentando que grande parte dos rizicultores utiliza a integração lavoura-pecuária, além da soja, que vem conquistando espaço como rotação de cultura.

**Silvicultura** - outra atividade econômica que vem atraindo a atenção dos produtores é a Silvicultura. Hoje, existem aproximadamente 560 mil hectares de florestas plantadas com fins comerciais em todo o Estado. "O número representa 2,1% da

superfície gaúcha, distribuídos em centenas de municípios. Nossa previsão é atingirmos até 900 mil hectares, não mais que 3,4% do território gaúcho, tornando-o segundo pólo florestal-industrial brasileiro", explica Roque Justen, presidente da Associa-

mil indiretos. Nas serrarias, são 15 mil empregos diretos e 50 mil indiretos e nas marcenarias, 10 mil empregos diretos. Ao todo, são 2.156 micro, 918 pequenas, 122 médias e quatro grandes empresas do setor. Em 2007, o faturamento do setor incluindo a in-



Roque Justen: expectativa de tornar o Estado gaúcho o segundo pólo florestal-industrial brasileiro

ção Gaúcha de Empresas Florestais, Ageflor.

A atividade tem papel significativo na economia gaúcha. São 40 mil famílias atuando no reflorestamento. Na questão do emprego, a indústria moveleira, gera 33 mil diretos e 150

dústria moveleira, celulose e papel e outros, chegou a R\$ 4,65 bilhões.

Segundo o presidente da Ageflor, a Silvicultura é uma realidade em muitos municípios, mas o plantio de árvores não deve ser feito de qualquer forma. "É necessário organizar arranjos produtivos locais, tendo como base os municípios e de modo planejado e integrado com as demais atividades produtivas daquela região", defende Justen, apontando que no campo, a forma de plantio das empresas e produtores tem difundido cada vez mais a integração agrossilvipastoril, diversificando e aumentando a renda do produtor gaúcho.

Na produção de uvas, o Estado ocupa o primeiro lugar, com 57,94% da área plantada e 51,34% da produção nacional



Luciana Paiva



**Fruticultura** - além da produção de cereais e da pecuária, a fruticultura é outra importante atividade econômica. Considerando as 15 principais frutas produzidas no país em 2007, o Rio Grande do Sul foi responsável por 8,01% da área plantada, 5,86% da produção e 11,01% do valor da produção, que atingiu R\$1,48 bilhão. Na produção de uvas, o Estado ocupa o primeiro lugar, com 57,94% da área plantada e 51,34% da produção nacional. "Cerca de 90% da uva produzida no Estado é destinada à agroindústria, onde há agregação de valor na produção de vinhos, suco e outros derivados", explica Loiva Maria Ribeiro de Mello, pesquisadora na área de economia da Embrapa Uva e Vinho.

De acordo com a pesquisadora, o Estado é o segundo maior produtor brasileiro de maçã, com 43,26% da área plantada e 42,08% da produção. "Com a expressiva produção de maçãs em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, em poucos anos, o Brasil atingiu a autossuficiência e passou de importador para exportador, mesmo com o aumento do consumo per capita", revela Loiva Maria, acrescentando que o Estado é o maior produtor nacional de figo, pêssego e pêra. Segundo ela, enquanto as lavouras tem-



Jorge Sant'Anna:  
rebanhosem  
campos naturais



Gado do Pampa Gaúcho: indicação de procedência. Saiba mais na matéria Campeão de Indicações Geográficas, neste especial

porárias geraram, em média, R\$1,66 mil por hectare, a fruticultura gera R\$ 7,86 mil. "Com exceção da maçã, que grande parte da produção provém de grandes áreas, a fruticultura surge como uma excelente alternativa de sustentabilidade para a agricultura familiar, incrementando a renda, gerando emprego e agregando valor à produção", ressalta Loiva Maria.

**Pecuária:** em 1998, segundo o IBGE, o valor bruto da agropecuária gaúcha era de R\$ 5,75 bilhões. Deste total, R\$ 3,84 bilhões eram oriundos da agricultura e R\$ 1,91 do setor pecuário. Em 2008, o valor saltou para R\$ 24,27 bilhões, sendo R\$ 15,76 bilhões da agricultura e R\$ 8,51 bilhões da pecuária.

Entretanto, o diretor da Farsul, Carlos Simm, revela que há um desconhecimento entre os números oficiais da

pecuária bovina e a real situação da atividade, que envolve 13,5 milhões de cabeças com uma taxa de desfrute anual de 20%. "Os dados oficiais do governo do Estado, obtidos através do programa Agregar Carnes, que incentiva as indústrias com a redução do ICMS de 7% para 2,5%, contabilizaram em 2008, menos que 1,4 milhão de cabeças abatidas. Se a taxa de desfrute é de 20%, deveríamos ter abatido 2,7 milhões de animais e não menos que 1,4 milhão. Isto mostra que há uma informalidade que chega à praticamente 50%, com alta sonegação fiscal e risco sanitário, pois há abates sem fiscalização. É uma concorrência desleal", denuncia o dirigente da Farsul.

Para a Farsul, uma das medidas para solucionar a questão, seria o repasse do ICMS para o varejo, que teria créditos na compra de frigoríficos aderidos ao programa Agregar Carnes, outra opção é desenvolver projetos específicos para alavancar

a pecuária, como a rastreabilidade. Desta forma, o Estado teria um boi multimercado, com acesso ao mercado externo e não apenas interno, pois o Rio Grande do Sul é praticamente superavitário em tudo e precisa conquistar mercados externos.

Na opinião do sociólogo e analista do setor socioeconômico da Embrapa Pecuária Sul, Jorge Sant'Anna, um dos fatores positivos da pecuária gaúcha é a criação do rebanho em campos naturais com respeito ao meio ambiente. "Isto possui um papel significativo na conquista dos mercados externos, ao contrário dos Estados das regiões Centro-Oeste e Norte, que enfrentam problemas com a questão ambiental", explica. Segundo ele, o Estado consome 97% da carne produzida, restando muito pouco para a exportação, pois ao contrário de outros Estados, o Rio Grande do Sul tra-

balha com um rebanho bovino em pequena escala. "Isso eleva os custos de produção, pois um número expressivo de produtores está na atividade por uma questão de 'herança familiar' e não com o intuito econômico", aponta o analista, acrescentando que Santa Catarina compra carne do Mato Grosso por um preço menor, pois no Estado gaúcho o custo do sistema de produção torna o produto caro. "Temos uma carne de excelente qualidade, mas faltam investirmos na gestão da produção", aponta Sant'Anna.

Na ovinocultura, segundo ele, na década de 80 houve o início da queda no preço da lã no mercado internacional, o que fez com que muitos criadores gaúchos migrassem para o rebanho de corte. "Na época, o Brasil tinha 18 milhões de ovinos, sendo que 53% do rebanho estava em solo gaúcho. Hoje, caiu para 27% e a maioria

é para a produção da carne, considerada um prato fino na culinária e que vem ganhando espaço", explica o analista da Embrapa.

As características da pequena propriedade, principalmente com mão-de-obra familiar, tornaram o Estado um grande produtor de suínos e aves.

Na suinocultura, são 10 mil pequenos e médios produtores integrados e independentes espalhados em cerca de 300 municípios. Mais de 365 mil pessoas dependem da suinocultura de forma direta e indireta, o que representa 3,4% da população gaúcha. Segundo a Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul, em 2007, a suinocultura gerou R\$ 3,5 bilhões em receitas. A renda bruta chegou a R\$ 5,2 bilhões e o ICMS em valor adicionado à cadeia atingiu R\$ 367 milhões. Em 2008, a produção gaúcha ficou em 617,3 mil toneladas.

O Estado gaúcho mantém sua vocação de grande pecuarista e hoje é considerado também uma matriz em genética animal, principalmente de raças européias, e isso, só foi possível graças à presença da figura gaúcha mais popular: o cavalo. Primeiro surgiu o Crioulo, que vem desde a colonização. Depois outras raças foram ganhando espaço como o Quarto de Milha, Mangalarga, Árabe, Apaloosa, o Pônei, o Andaluz, entre outras.

Por tradição e expressividade, é a raça Crioula quem iniciará a movimentação no Parque Assis Brasil, durante a Expointer 2009, com a realização do Freio de Ouro. A expectativa é de que 48 fêmeas e 48 machos disputem o Freio de Ouro, Prata e Bronze 2009. Os finalistas serão conhecidos depois de 12 classificatórias realizadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além da Argentina e no Uruguai.



Cavalo: a mais popular figura gaúcha